

OS EFEITOS DO TERRAMOTO E MAREMOTO DE 1755 NO CONCELHO DE CASCAIS

TEMÁTICA

O Terramoto de Lisboa e de Cascais (1755)

UNIDADE CURRICULAR

Factos e momentos decisivos para a história de Cascais e/ou Portugal

INTRODUÇÃO

No dia 1 de novembro de 1755 um violento terramoto, de intensidade IX e X na escala de Mercalli, provocou a morte de centenas de pessoas no concelho de Cascais, arrasando as duas paróquias da vila – Nossa Senhora da Assunção e Ressurreição de Cristo – e produzindo avultados estragos nas restantes freguesias do concelho: Nossa Senhora dos Remédios (Carcavelos), S. Domingos de Rana e S. Vicente de Alcabideche.

De acordo com Frei António do Espírito Santo, do Convento de Nossa Senhora da Piedade, que descreveu em 1756 os efeitos do cataclismo em Cascais, o tremor de terra iniciou-se pelas nove horas e quinze minutos, fazendo-se sentir por nove minutos e transformando a «grande povoação [em] um insensível e frio cadáver do que havia sido e uma desfeita cena do que já não era».

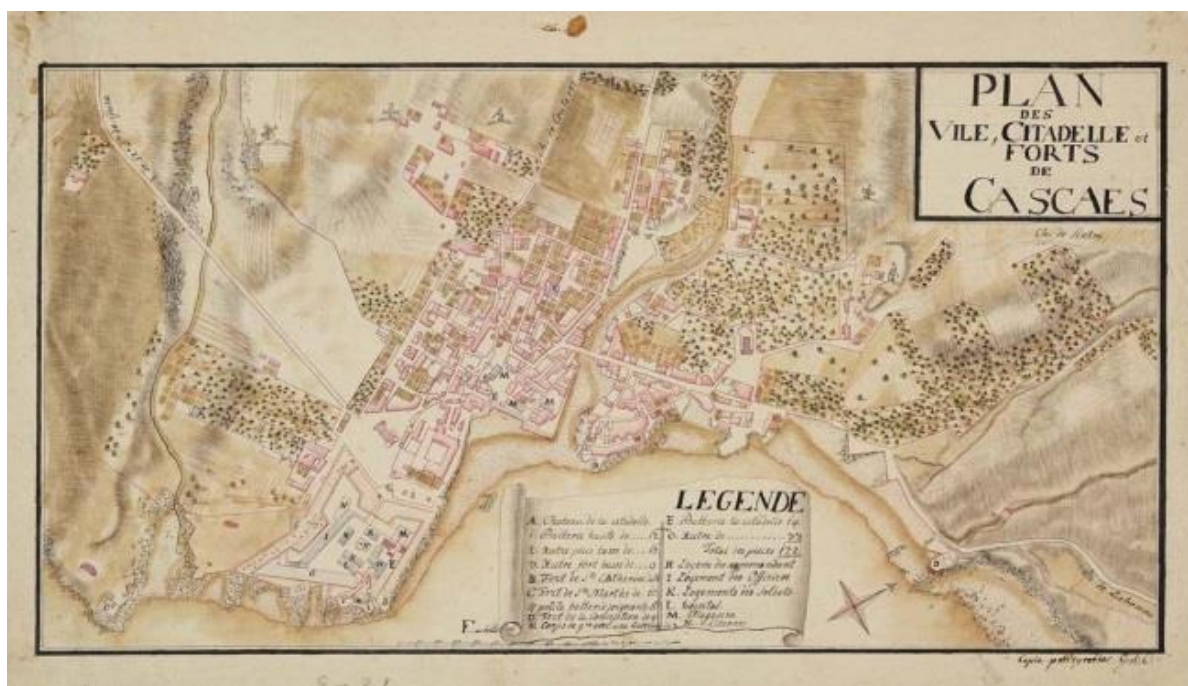
DESCRIÇÃO

Para além das habitações comuns, a maioria dos edifícios emblemáticos do concelho sofreu com o terramoto de 1 de novembro de 1755, casos do Convento de Santo António, no Estoril; das Igrejas da Ressurreição, da Assunção e da Misericórdia e do Convento de Nossa Senhora da Piedade, em Cascais; e das Igrejas de Nossa Senhora dos Remédios, em Carcavelos; de S. Domingos de Rana e de S. Vicente de Alcabideche. Nesse Dia de Todos os Santos nem mesmo os locais de culto escaparam à hecatombe, que muitos acreditaram ser castigo divino.

A desoladora situação da vila estendia-se, ainda, ao «Hospício dos Padres da Serra, de S. Pedro de Alcântara»; ao Palácio dos Marqueses de Cascais, por acabar; à «Casa do Senado»; à Casa dos Falcões; ao Farol da Guia e a uma torre com relógio, cuja queda provocou vinte e duas mortes. Também o interior da Cidadela foi atingido, assim como os fortes de Santa Marta e da Guia, o mesmo sucedendo à ponte que unia as duas margens da Ribeira das Vinhas.

O Cura da Ressurreição de Cristo registou em 1758 que «De todas as terras foi esta a que experimentou maior ruína (conforme dizem todos) por causa do dito terremoto, pois todos os edifícios se arruinaram e quase todos caíram e algum que não caiu de

todo ficou inabitável». A vila desfigurou-se. «Suas ruas não são Ruas, são montes de pedras. Suas praças não são praças, são cúmulos de caliças. Seus templos não são templos, são montões de quebradas madeiras». Em resumo: «nenhuma [casa] deixou de padecer destruição, mais e menos, ou do terramoto, ou quando o mar saiu fora. As mais interiores da vila, o movimento as demoliu; as da borda do mar, este as soçobrou com quanto nelas havia».



Cascais, c. 1800
Ver a [imagem](#) no Flickr

As restantes paróquias do concelho foram igualmente afetadas, sabendo-se que a Igreja de Nossa Senhora dos Remédios «padeceu bastante ruína», tal como a de S. Domingos de Rana, que em 1758 ainda «se acha só com dois altares, por ficarem todos os mais destruídos com o Terramoto». Já em S. Vicente de Alcabideche «padeceram todos os lugares bastante ruína e a Igreja ficou toda rasa que defliclutoza [sic] se reedificara por ser o povo pobre e está servindo uma Ermida] de Nossa Senhora da Conceição de freguesia».

Ao terramoto sucedeu o maremoto, avançando o oceano terra adentro. Na verdade, «Entrou logo sem demora pela vila o mar, derrubando sua fortíssima Ponte e absorvendo as casas mais vizinhas, com morte de muitos habitantes. Aqui destroçou barcos [...] derrubou os muros da cerca do convento metendo dentro dois barcos e fazendo[-]a toda mar». O oceano alcançou, também, a Praça e as capelas da Misericórdia e de Nossa Senhora da Conceição, inundando, afogando e destruindo tudo à sua passagem. Ao avançar até à ponte sobre a Ribeira das Vinhas, a enorme

massa de água derrubou os muros marginais, «levando as grandes pedras, que chamam os passadouros e lançando por cima delas alguns barcos desconsertados».

Seguiram-se fluxos e refluxos extraordinários, cada um sucessivamente mais alto, chegando o mar, segundo Frei António do Espírito Santo, a recuar cerca de cinco quilómetros. Sentiram-se, ainda, réplicas, também provenientes do sul, com novas derrocadas de edifícios.

«Enterrar os mortos, cuidar dos vivos»

O número de vítimas mortais foi avassalador, tanto que Frei António do Espírito Santo registou, talvez exageradamente, que «Bem se pode afirmar, são 514 pessoas mortas, as finadas naquele dia, e já descobertas». Não obstante, no livro de registo de óbitos da paróquia de Nossa Senhora da Assunção não se confirmaram estes números, pois ao assentar-se o nome das vítimas enterradas no adro da igreja e daquelas a que não foram dadas sepulturas apenas se apontaram noventa e nove nomes. O mesmo sucedeu na da Ressurreição, onde se anotaram noventa mortes, escrevendo-se que «pereceram muitas pessoas, umas soterradas debaixo das ruínas que fez o mesmo terramoto, outras que o mar afogou e algumas que ainda se não descobriram».



Ruínas da Igreja da Ressurreição, atual Largo da Estação, em Cascais, c. 1890
Ver [imagem](#) no Flickr

Na freguesia de Nossa Senhora dos Remédios (Carcavelos) morreram sete indivíduos, alguns «debaixo da ruína da Igreja», enquanto em S. Domingos de Rana sucumbiram quatro habitantes. Já em S. Vicente de Alcabideche se registaram dois falecimentos nesse dia. Contudo, a 13 de novembro apontou-se o passamento, na Quinta de Valverde, de D. Maria José de Castro Noronha Ataíde e Sousa – mãe da última donatária de Cascais, que viria a morrer em setembro de 1762 – descrito em 1756 pelo Padre António Pereira da seguinte forma:

«D. Maria da Graça de Castro, Marquesa do Louriçal, tendo escapado do primeiro perigo e estando de joelhos, dando a Deus as graças por lhe livrar da morte a sua filha herdeira de poucos anos, caindo de repente as duas paredes da casa ficou mortalmente ferida e maltratada, de sorte que dentro em poucos dias espirou da vila de Cascais, na flor da idade».

O tremor de terra provocou duzentas e duas vítimas mortais no concelho, sendo as paróquias da vila as mais afetadas. Desta forma, a freguesia de Nossa Senhora da Assunção registou 49% dos óbitos, seguida a curta distância pela da Ressurreição de Cristo, com 44,1%, o que perfaz 93,1% dos falecimentos. Por sua vez, Nossa Senhora dos Remédios atingiu os 3,5%, enquanto S. Domingos de Rana alcançou 1,9% e Alcabideche 1,5%. É este o cômputo geral da catástrofe.

Para além das vítimas mortais importa registar o elevado número de feridos, porque «Além dos mortos, muitos fora, os que ficara, feridos e estropiados» que «Segundo uns disseram, seriam por todos os [...] 110. Porém outros asseveram que passaram de 150».

Foi evidente a carência de pessoal habilitado para a prestação de assistência aos sinistrados, assim como de boticas, problema apenas mitigado pelo empenho do Dr. Alexandre de Abreu Coutinho, do boticário do Convento da Piedade e do Padre Casimiro Manço. Neste sentido urge igualmente destacar a atividade da Santa Casa da Misericórdia de Cascais.

Sobreviventes

A situação dos sobreviventes era desoladora, pois «A poucos ficarão posses para poder levantar casas, porque sendo os lucros desta terra a pesca, até nos barcos fez o terramoto o que nas casas, pois mais de 40 ou os comeu o mar ou se abriram na terra». Conclui-se, então, que a catástrofe atingiu duramente a estrutura económica da vila, privando os pescadores do seu sustento.

Não obstante, alguns cascalenses foram poupados à catástrofe, como é o caso dos que se encontravam na Ermida de Nossa Senhora da Conceição dos Inocentes, onde, como

A vila parecia encontrar-se bem fornecida de mantimentos, embora inicialmente tenha sido relevante a caridade das senhoras da terra, que cozinhavam panelas de galinha para distribuir. Ainda assim, os roubos de alimentos multiplicaram-se, frisando Frei António do Espírito Santo que «de água não trataram muito, porque a sua sede era de vinhos».

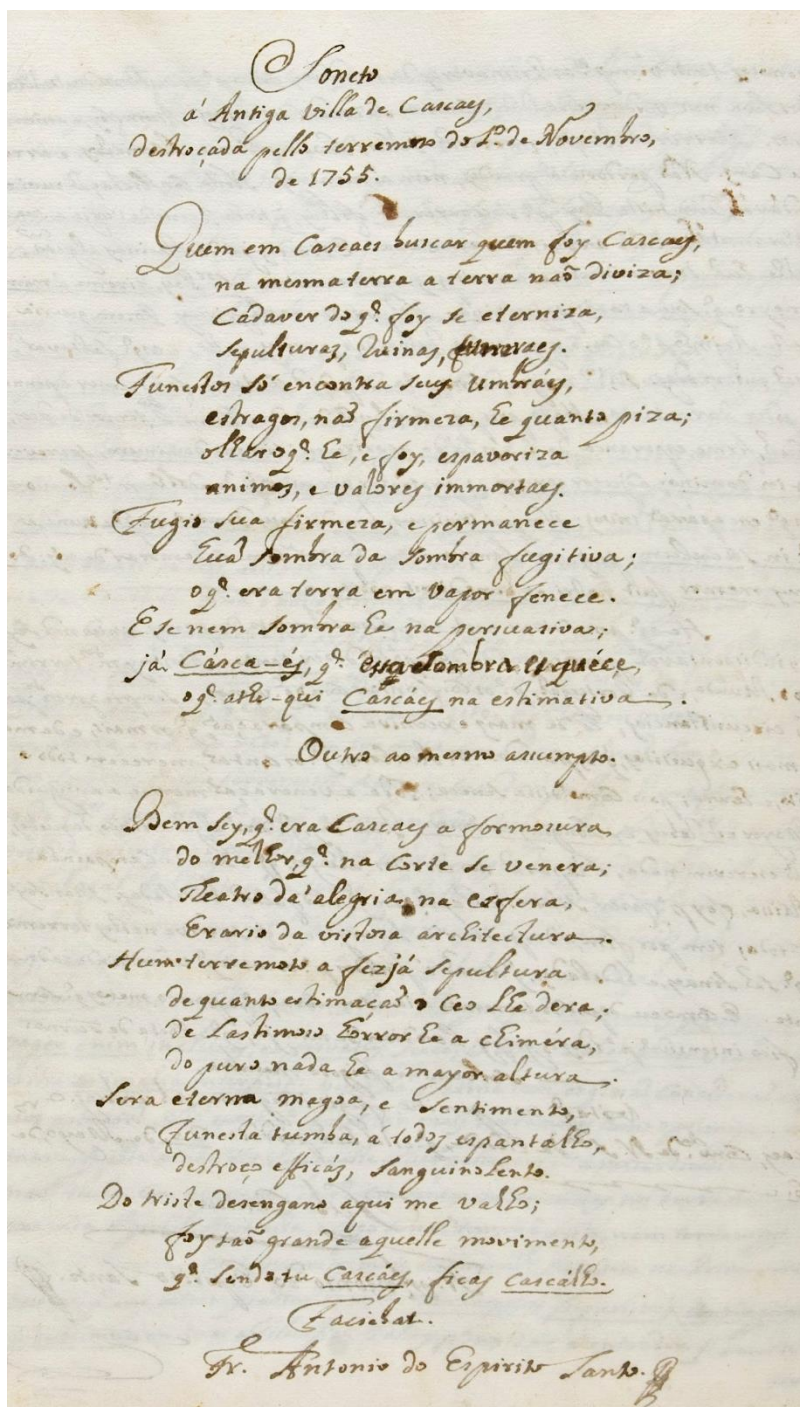
Registaram-se também outros roubos, assinalando-se que «se no terramoto saltavam os móveis e adornos das casas para o ar e pelas janelas fora; depois do terramoto saltavam para as mãos dos que os furtavam, que mereciam cortadas».

A reconstrução

Em 1758 ainda se escreve que «a vila toda ficou arruinada até ao chão. Não há casa que ou não caísse em terra ou não ficasse abalada e ameaçando ruína. Os templos, a ponte, a Cidadela e seus quartéis, tudo está demolido e feito em pó. A maior parte da Vila habita ainda em barracas fora e dentro do distrito, a ponte está com um só arco em pé, e se não passa por ela, e tudo em a última ruína, sem que se reparasse ainda nada, somente algumas casas se têm levantado, poucas, ao mesmo tempo, que outras, com as tempestades e ventos, se têm acabado de prostrar. Está esta vila sem relógio, porque este e sua grande Torre feita pelos Mouros, que se fez em cinzas. O Palácio dos Marqueses de Cascais, que era de uma excelente perspectiva e de esquisitas pinturas, com uma bela Ermida, desconhece[-]se tudo pelo que foi, e já não é. As ruas uns montões de pedras e de caliças, sem sinais de que fossem ruas. Finalmente não é Cascais e esta freguesia é o não ser de freguesia, e de Cascais, o que se vê». Eis o retrato da destruição da vila, na perspectiva do Reitor de Nossa Senhora da Assunção.

Um projeto parece, porém, destacar-se: o da reconstrução da Igreja da Ressurreição, visto que a devoção dos pescadores se traduziu numa campanha para a reedificação do templo, nunca concluída, que se efetivou somente na colocação de duas lápides junto da porta principal.

Neste contexto urge, por fim, recordar um Aviso de 15 de maio de 1756, em que o Marquês de Pombal autorizava o desembarque em Cascais de madeira, telhas e tijolos de produção nacional, sem pagamento de quaisquer impostos, a fim de acorrer à reconstrução de prédios derrubados pelo terramoto nos termos de Sintra e Cascais, uma vez que se perdera o vinho e o trigo com cuja venda os moradores conseguiriam o capital necessário à aquisição desses materiais.



Poesia sobre o terramoto de 1755 em Cascais, da autoria de Frei António do Espírito Santo
Veja a [imagem](#) no Flickr

Evidenciam-se, assim, as dificuldades sentidas pelos habitantes do concelho de Cascais aquando da reconstrução. As mazelas provocadas pelo violento terramoto não foram, pois, facilmente sanadas, pelo que a imagem veiculada através da poesia de Frei António do Espírito Santo, em 1756, se conservou por várias décadas:

«Eu sou aquele, que Cascais já vi,
eu sou o que Cascais não vejo já,
de quanto era dantes fumos dá,
e tudo é fumo o que contêm em si.»

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

Identificar os efeitos do terramoto e do maremoto em Cascais.

RECURSOS

Álbum [Os efeitos do terramoto e maremoto de 1755 no concelho de Cascais](#) de *Cascais em Imagens* (Flickr)

FICHA DE EXPLORAÇÃO

1. No texto da ficha pode ler-se: «Nesse Dia de Todos os Santos nem mesmo os locais de culto escaparam à hecatombe, que muitos acreditaram ser castigo divino». Porque é que a população pensou que o terramoto era um castigo divino?

2. Vários edifícios emblemáticos de Cascais ficaram destruídos com o terramoto. Lê novamente o texto e preenche o que falta:

Convento de Santo _____

Igreja da _____

Convento Nossa Senhora da _____

Igreja de Nossa Senhora dos _____

Igreja de S. Vicente de _____

PARA SABER MAIS

Adultos

HENRIQUES, João Miguel - *Cascais em 1755: do terramoto à reconstrução*. Cascais: Câmara Municipal, D.L. 2005. 263 p. ISBN 972-637-154-6
Consulte [aqui](#) a cópia pública da obra nas Bibliotecas Municipais de Cascais

Cascais em 1755: do terramoto à reconstrução: exposição. Cascais: Câmara Municipal, 2005. [5] p.
Consulte [aqui](#) a disponibilidade da obra nas Bibliotecas Municipais de Cascais

TAVARES, Rui - *O pequeno livro do grande terramoto: ensaio sobre 1755*. 2ª ed. Lisboa: Tinta-da-China, 2005. 223, [1] p. ISBN 972-8955-01-4
Consulte [aqui](#) a disponibilidade da obra nas Bibliotecas Municipais de Cascais

O terramoto de 1755: impactos históricos. Lisboa: Livros Horizonte, imp. 2007. 495 p. ISBN 978-972-24-1541-5
Consulte [aqui](#) a disponibilidade da obra nas Bibliotecas Municipais de Cascais

Crianças

MAGALHÃES, Ana Maria; ALÇADA, Isabel, pseud. - *O dia do terramoto*. 3ª ed. Lisboa: Caminho, imp. 1995. 303 p. ISBN 972-21-0460-8
Consulte [aqui](#) a disponibilidade da obra nas Bibliotecas Municipais de Cascais